

O USO DE LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA E A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA

Joel Nunes de Farias ¹
Luandson Luis da Silva ²
Márcio de Mélo ³
Marly Santos da Silva ⁴

RESUMO

O presente artigo traz uma discursão da relação existente entre literatura e história. Apresentamos as fontes históricas que passaram a fazer parte do estudo da história a partir do século XX e fizemos um resumo das tendências da literatura dentro do contexto da história da época, onde as transformações sociais ficam latente nessa interferência do escrever. Nota-se ainda que a literatura e história estão juntas no aspecto cultural de um povo em época e local específico. Não podemos também deixar de transcorrer sobre a importância dos relatos literários como fontes históricas que muitas vezes são recorridas pelo historiador para uma melhor compreensão da maneira de viver de um povo. Isso porque a literatura está cheia de sentimento e influência cultural, assim como toda produção humana. As diversas fontes históricas apresentadas facilita o trabalho do historiador, visto que abre um grande leque de possibilidades para os historiadores que se propõem a utilizá-las, dentre dessas está a literatura que pode se apresentar até mesmo como fonte privilegiada para a História por conter aspectos que outros objetos não possuem, como questões relacionadas ao imaginário da época que se estuda..

Palavras-chave: História; Literatura; Fonte Histórica; História Cultural.

INTRODUÇÃO

O diálogo entre História e Literatura se desenvolveu bastante no Brasil a partir dos anos 1990 e hoje é um campo de pesquisa bastante promissor, com vários trabalhos publicados. Esse campo se desenvolve graças as grandes transformações que ocorreram na historiografia ao longo do século XX, principalmente com as mudanças na concepção das fontes históricas e da maneira de compreender a história. Nessa abertura para o debate social, a literatura tem sua participação importante. Conforme a autora Santos (2007) escreve:

a produção intelectual dos historiadores mudou em profundidade e em amplitude, assim também as modalidades de escrever a História, influenciada pelo surgimento de novos territórios a serem explorados pela pesquisa histórica, pelos novos objetos

¹ Doutorando do Curso de Doctorado en Ciencias de la Educación da Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY), joelzaynehannah@gmail.com

² Doutorando do Curso de Doctorado en Ciencias de la Educación da Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY), professorluandsonluis@gmail.com;

³ Doutorando do Curso de Doctorado en Ciencias de la Educación da Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY) diomarcio854@gmail.com;

⁴ Doutoranda do Curso de Doctorado en Ciencias de la Educación da Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY), santosmarlyprof@gmail.com.

visando temáticas originais e pela abundância das novas abordagens. (REVEL apud SANTOS, 2007, pp. 1-2).

Nesse contexto de mudança está presente o aspecto da histórico cultural. Uma história que buscar resgatar a cultura de um povo, sua maneira de ser e de pensar é nessa relação que a literatura se faz presente, como bem diz Pesavento (2004), A relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real” (PESAVENTO, 2004, p.80).

Essas diferentes formas de dizer o mundo, só foi possível com as mudanças ocorridas no século XX, como antes já mencionamos. A literatura assim como a história passou ter um campo vasto para produção e investigação. Se antes estavam a serviços de uma elite, agora, mesmo que sirva também a ela, tem liberdade para tratar das mazelas sociais, demonstrado suas causas, efeitos e circunstâncias.

Enquanto a história é investigativa e pode ser compreendida por diversos ângulos, onde está em evidência a visão de quem descreve, isso cheio de valores sociais e culturais. A literatura, mesmo que esses valores também estejam presentes, ela não tem o papel investigativo, mas sim, narrativo, descritivo, escreve os fatos ocorridos como foram revelados.

A literatura é influenciada pela história e dessa forma caminham juntas, trabalhando com o processo de construção da mentalidade de um povo em determinada época e lugar. Pois como fruto cultural, sofre influência e também influencia.

Esse processo de estratégias que é apresentado por Santos, faz parte do linear que tanto o historiador quanto o literário busca para sua narrativa, seu elo de estudo, demonstrado assim que a coerência no estudar e escrever sobre tema distinto depende dos dados que lhe são apresentados.

Sendo assim, este estudo objetiva discutir a relação existente entre literatura e história. Apresentamos as fontes históricas que passaram a fazer parte do estudo da história a partir do século XX e fizemos um resumo das tendências da literatura dentro do contexto da história da época, onde as transformações sociais ficam latente nessa interferência do escrever.

O desejo por essa temática surgiu da necessidade de explicar que tanto a História quanto a Literatura são formas de explicar o presente, falar sobre o passado, e ainda, pensar o futuro. Usando assim a retórica na forma de descrever os fatos, sobre os quais pretende abordar. Sendo assim duas formas de representar questões relativas ao ser humano da época que se quer descrever. Ambas buscam alcançar um determinado público alvo que são seus leitores.

Como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, realizada a partir da análise pormenorizada em livros físicos e outros materiais e dados já publicados na literatura e artigos científicos divulgados no meio eletrônico. O aporte teórico baseia-se em SANTOS, 2007, PESAVENTO, 2004, FERREIRA E SEFFNER, 2008, VIDOR, 2014, SARAIVA, s/d, Bosi, 2017, entre outros que exploram a temática.

AS FONTES HISTÓRICAS E A LITERATURA

Ao falarmos em fontes históricas, estamos debruçados em todo material social deixado pelo ser humano, desde os primórdios até os dias de hoje. Esse vasto recurso cultural, falam por si só sobre a forma de vida desse povo. Essas fontes são diversas, são elas documentos ou vestígios feitos por seres humanos ao longo do tempo e indispensáveis para o historiador estudar o passado.

Ao longo do tempo, a forma como o historiador analisou essas fontes mudou, principalmente no século XX, quando outros tipos de fontes, além da escrita, foram inseridos nos estudos históricos. Os tipos de fontes históricas são: documentos textuais, vestígios arqueológicos, representações pictóricas e registros orais entre outros. Para melhor compreensão temos alguns exemplos dessas fontes histórica:

- Documentos textuais: documentos governamentais, relatos de viagem, diários, cartas pessoais e governamentais, crônicas, poemas, livros literários, jornais, documentos de justiça, panfletos, cartilhas, revistas, etc.
- Vestígios arqueológicos e fontes da cultura material: itens resgatados pela arqueologia, como ruínas de construções, ruas, túmulos, roupas, armas, cerâmica, etc. Além disso, objetos de tempos mais recentes, como roupas, copos, móveis, itens pessoais, etc., também são considerados fontes da cultura material.
- Representações pictóricas: pinturas rupestres, afrescos, quadros, fotos, ilustrações, animações, etc.
- Registros orais: testemunhos de pessoas que viveram determinados acontecimentos, mitos de origem, lendas, etc.

A literatura, nesse contexto social, é uma fonte histórica importante, porém não a única, ela representa de forma escrita a vivência de um povo. Antes do século XX a literatura, tinha uma importância maior para o historiador, visto que as fontes históricas aceitas até então eram as escritas, deixando assim de fora uma bagagem cultural muito grande, visto que nossa produção cultural é bem mais só material que escrita.

Além dessa expansão nas fontes materiais, o imaterial também se tornou fonte histórica, e a utilização dos documentos escritos se ampliou. Agora não somente os documentos oficiais são usados na investigação histórica, mas também cartas pessoais, relatos de viagens, poemas, livros literários, diários, etc.

O historiador também pode explorar outras áreas do conhecimento e utilizá-las na sua investigação histórica. Assim, a geografia, a arqueologia, a sociologia, a antropologia, a psicologia e outras áreas do conhecimento podem e devem ser utilizadas pelo historiador.

Nessa “revolução documental”. O que ocorre não é apenas o deslocamento de um documento que antes não era considerado como “fonte histórica”, tais como: ruínas, armas, utensílios, contos falados, etc. Como também não é um simples alargamento das fontes, mas a própria concepção do que é considerado documento ou fontes históricas.

Como bem diz os autores Ferreira e Seffner (2008) sobre a importância dessas fontes históricas, principalmente no sentido social:

Mas, principalmente, a revolução documental dobrou o olhar da disciplina História para aspectos da vida social, antes distantes do olhar dos historiadores, e apenas abordados por determinadas ciências como a Antropologia e a Etnologia. O imaginário, as mentalidades, o cotidiano, a vida privada, sensibilidades passam a fazer parte do universo da História e permitem aos historiadores montar uma trama mais bela da vida dos povos e dos tempos passados. (FERREIRA e SEFFNER, 2008, p. 115).

Quando falamos da literatura com fonte histórica, ela teve um papel essencial ao ponto de no século XIX, como escreveu o escritor e jornalista Raimundo Carrero no Diário de Pernambuco que a literatura era “o sorriso da sociedade”, sendo assim cabia a História “se valia da Literatura como um recurso ilustrativo de uma afirmação sobre o passado, para confirmação de um fato ou ideia” (PESAVENTO, 2003, p. 32). Mudança nesse aspecto vai ser marcante no século XX, pois já nos anos 1960 e 1970, a Literatura estava engajada em compromissos definidos com o social, e a história assume também um perfil crítico e uma missão de denúncia das injustiças sociais, deixando assim de ser só a história dos governantes e dos senhores dominantes.

E atualmente, conforme já mencionado,

[...]são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto” (PESAVENTO, 2003, p. 32).

O papel desempenhado pela literatura como fonte histórica nos séculos anteriores ao século XX, não diminuiu seu valor, até o dia de hoje tem sido muito importante para o estudo da história, dentro do contexto social, político e cultural.

As narrativas da Odisseia de Ulises, que era cantada nas ruas da Grécia, continua viva até os nossos dias, mesmo que nela tivesse um pouco de mitologia e exaltação ao heroísmo e sendo inicialmente apenas de forma verbal, se perpetuou com a escrita para os nossos dias e gerações futuras. Demonstração clara da literatura como fonte histórica.

BREVE RELATO: EXPRESSÕES LITERÁRIAS E SEU NEXO COM A HISTÓRIA

As expressões literárias tiveram uma contribuição para a história e entre elas iremos citar como exemplo os seguintes movimentos literários: Trovadorismo, Humanismo, Quinhentismo, Classicismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo e Realismo. Esses movimentos estão dentro de um contexto histórico, onde envolve desde a literatura até a arte.

O Trovadorismo foi um movimento literário que surgiu durante a Idade Média, mais precisamente no século XI no sul da França. Por isso, esse movimento se espalhou por toda a Europa e teve seu declínio no século XIV quando começou o Humanismo. Esse movimento foi a primeira manifestação literária da língua portuguesa.

No Contexto Histórico, esse movimento que ocorreu na Idade Média, uma época em que a Igreja Católica e o sistema feudal dominavam a Europa. Período que os valores da sociedade eram regidos pela Igreja e pela fé no cristianismo, onde o Teocentrismo – Deus no centro do Universo – foi sua principal característica. Enquanto que o homem ocupava um lugar secundário, e tendo por base os ensinamentos dos valores cristãos que eram passados pela igreja católica. Dessa maneira, a Igreja medieval era a instituição social mais importante e a maior representante da fé cristã. Ela ensinava os valores e influenciava diretamente o comportamento e o pensamento do homem.

A economia praticamente era agrícola tendo como base o sistema feudal, ou feudalismo, esse sistema estava baseado numa sociedade rural e autossuficiente. Nele, o camponês vivia do trabalho no campo, cultivando para si (subsistência) e para o senhor que cedia as terras. Naquele

momento, poucas pessoas eram estudadas, a educação estava sobre o controle da Igreja Católica e sobre o controle dos monges.

No Trovadorismo, poesia e música estão intimamente ligados. Os poemas e versos citados eram sempre acompanhados de instrumentos musicais, como: viola, lira, flauta e harpa. Por esse motivo foram chamados de cantigas trovadorescas.

As coletâneas das cantigas do período do Trovadorismo são chamadas de cancioneiros. Os cancioneiros mais conhecidos são: o Cancioneiro da Biblioteca de Lisboa e o Cancioneiro da Vaticana. A influência provençal e a submissão do servo ao seu senhor estava também presente nos seus versos, como afirma Saraiva:

É inegável nas cantigas de amor galego-portuguesas uma avassaladora influência provençal. Não se trata de uma experiência sentimental a dois, mas de uma aspiração, sem correspondência, a um objeto inatingível, de um estado de tensão que, para permanecer, nunca pode chegar ao fim do desejo. Manter este estado de tensão parece ser o ideal do verdadeiro amador e do verdadeiro poeta como se o movesse o amor do amor, mais do que o amor a uma mulher. O trovador imagina a dama como um suserano a quem a servia numa atitude submissa de vassalo, confiando seu destino à senhora. (SARAIVA, p. 61).

O humanismo foi um movimento intelectual iniciado na Itália no século XV com o Renascimento e difundido pela Europa, rompendo com a forte influência da Igreja e do pensamento religioso da Idade Média. O teocentrismo (Deus como centro de tudo) cede lugar ao antropocentrismo, passando o homem a ser o centro de interesse. Valorizando assim o ser humano acima de tudo. Está relacionado com generosidade, compaixão e preocupação em valorizar os atributos e realizações humanas.

Esse movimento filosófico e literário procura o melhor nos seres humanos sem se servir da religião, oferecendo novas formas de reflexão sobre as artes, as ciências e a política. Além disso, o movimento revolucionou o campo cultural e marcou a transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, as críticas ao pensamento da Igreja Católica marcou esse período, ao ponto de causar uma ruptura social, e desenvolvendo através de experiências no campo da física, matemática, engenharia e medicina.

Na literatura, destaca-se a poesia palaciana (que surge dentro dos palácios), escrita por nobres que retratavam os usos e costumes da corte. Alguns escritores italianos que mais impacto causaram foram: Dante Alighieri (Divina Comédia), Petrarca (Cancioneiro) e Boccaccio (Decameron).

Essa ideia humanista não é nova, ela remonta ao renascimento da cultura greco-romana, como bem diz Vidor:

Foi Protágoras, considerado sofista, quem propôs essa nova medida de conhecimento

ao afirmar que o “o homem é a medida de todas as coisas”; isso significa que, é o modo de ser humano a medida do conhecimento humano e não o modo do pensar opinativo (VIDOR, 2014, p. 30).

Dentre os grandes representantes da literatura humanista estão: Francesco Petrarca (1304-1374) - poeta italiano fundador do humanismo e autor das obras: Cancioneiro e o Triunfo; Meu livro secreto; Itinerário para a Terra Santa. Dante Alighieri (1265-1321) - poeta e político italiano, autor das obras: A Divina Comédia; Sobre a Língua Vulgar; Vida Nova. Giovanni Boccaccio (1313-1375) - poeta italiano e autor das obras: Decamerão; A canção bucólica; Mulheres famosas. Erasmo de Roterdã (1466-1536) - teólogo e filósofo neerlandês, autor das obras: Elogio da Loucura; Manual do Cavaleiro Cristão; Colóquios. Thomas More (1478-1535) - escritor e filósofo inglês, autor das obras: Utopia; Tratado sobre a Paixão de Cristo; Súplica das Almas. Michel de Montaigne (1533-1592) - filósofo e escritor francês, autor de uma única obra reunida em 3 volumes: Ensaaios.

O Quinhentismo, no Brasil e em Portugal, designa uma importante fase da história da literatura desses países, apesar de ter se expressado de modo diferente em um e outro. No Brasil, designa o conjunto de textos e autores do período colonial, compreendendo os três primeiros séculos desde a conquista portuguesa. Dividido em duas vertentes, uma caracterizada pela ocorrência de textos de informação e outra pela ocorrência de textos de caráter catequizador, esse período inicial de germinação das letras no nascente território brasileiro é de fundamental importância para se conhecer a história do país e sua tradição literária.

Principais obras literárias desse período foram: a Carta, de Pero Vaz de Caminha a el-Rei Dom Manuel, referindo o descobrimento de uma nova terra e as primeiras impressões da natureza e do indígena (1500); o Diário de Navegação de Pero Lopes e Sousa, escrivão do primeiro grupo colonizador, o de Martim Afonso de Sousa (1530); o Tratado da terra do Brasil e a História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil, de Pero de Magalhães Gândavo (1576); a Narrativa Epistolar e os Tratados da Terra e da Gente do Brasil, do jesuíta Fernão Cardim (1583); o Tratado descritivo do Brasil, de Gabriel Soares de Sousa (1587); os Diálogos das grandezas do Brasil, de Ambrósio Fernandes Brandão (1618); as cartas dos missionários jesuítas escritas nos dois primeiros séculos de catequese (registradas posteriormente em antologias, como em as Cartas Jesuíticas, de 1933); as Duas viagens ao Brasil, de Hans Staden (1557); a Viagem à terra do Brasil, de Jean de Léry (1578); a História do Brasil, de Frei Vicente do Salvador (1627).

O Classicismo corresponde a um movimento artístico cultural que ocorreu durante o período do Renascimento (a partir do século XV) na Europa. O nome do movimento que marca o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna, faz referência aos modelos clássicos (greco-romano). No campo da literatura, Classicismo é o nome dado aos estilos literários que vigoravam no século XVI, na época do Renascimento. Por isso, a produção desse período também é chamada de Literatura Renascentista.

O Barroco é um estilo que dominou a arquitetura, a pintura, a literatura e a música na Europa do século XVII. Por isso, toda a cultura desse período, incluindo costumes, valores e relações sociais, é chamada de "barroca". Essa época surgiu no final do Renascimento e manifestava-se através de grande ostentação e extravagância entre os grupos beneficiados pelas riquezas da colonização.

Esse movimento está muito ligado a contra reforma como Moisés Massaud (1983: 66-67) explicita as fontes europeias dessa ideia restritiva:

(...) outro estudioso alemão do problema, Werner Weisbach (O Barroco como Arte da Contra-reforma, "der Barock als Gegenreformation", 1921; A Arte Barroca Espanhola, "Spanish Baroque Art", 1941), acrescenta uma perspectiva mais restrita e definida: o Barroco estaria intimamente relacionado com o movimento da Contra-Reforma.

Também no mesmo sentido Bosi (2017) escreve o seguinte:

É na estufa da nobreza e do clero espanhol, português e romano, que se incuba a maneira Barroco-jesuítica: trata-se de um mundo já em defensiva, organicamente preso à Contra-Reforma e ao Império filipino, e em luta com as áreas liberais do Protestantismo e do racionalismo crescente na Inglaterra, na Holanda e na França (Bosi, Alfredo, 2017 pag.29).

O arcadismo foi um movimento literário nascido na Europa do século XVIII. Também conhecido como neoclassicismo, o arcadismo, no Brasil, teve como marco inicial o livro "Obras Poéticas", de Cláudio Manuel da Costa, em 1768, e foi a principal tendência estética produzida no país na época, tendo seus principais autores presentes na cidade de Vila Rica, atual Ouro Preto, em Minas Gerais. Esse período da história é o da inconfidência mineira, que marca um dos levantes contra a exploração que a colônia Brasil sofria por Portugal.

O Romantismo foi um movimento estético e cultural que revolucionou a sociedade nos séculos XVIII e XIX, deixando para trás valores clássicos e inaugurando a modernidade nas artes. As obras românticas baseavam-se, então, em valores da burguesia, classe social que substituíra a elite absolutista em diversos países.

O Realismo é um movimento artístico amplo que se apresenta contra os arroubos

sentimentais e idealistas do Romantismo.

No Brasil, o maior representante do Realismo foi Machado de Assis. Sua obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* é considerada fundadora do movimento, e seu modo de escrever, com digressões e ironias, marcaram o estilo literário brasileiro. Veja um trecho do último capítulo do romance acima citado e perceba o estilo machadiano:

Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semi-demência do Quincas Borba. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e, conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma creatura o legado da nossa miséria. (Assis 1994)

O autor mostra neste texto sua visão negacionista, mostrando sua vida de simplicidade e de certa forma até de conformismo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo tem como objetivo mostrar a relação existente ente literatura e história, com destaque para as mudanças das formas literárias, suas influencias e sua relações com os acontecimentos históricos. Tal trabalho se desenvolveu com base na pesquisa qualitativa, utilizando-se a pesquisa bibliográfico em livros e artigos científicos.

Conforme os postulados de Severino, a pesquisa bibliográfica é,

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p.122).

Perante essa perspectiva esse tipo de pesquisa é essencial para pesquisas que buscam um engajamento entre as concepções de variados autores que versam sobre a temática abordada no estudo de cunho bibliográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos neste artigo, a interação existente entre a história e a literatura, uma influenciando a outra.

Nos movimento literários que abordamos, vimos como o aspecto histórico está

entrelaçado com a literatura, onde cada movimento ficou comprovado que teve um fato histórico que influenciou o seu surgimento e essa literatura tem um papel fundamental para o registro dos fatos.

No entanto, ao optar por utilizar a Literatura enquanto fonte, o historiador deve tomar os mesmos cuidados que toma ao lidar com todas as categorias de fontes históricas, sendo necessário que se volte para ela de maneira adequada, e compreenda que um livro é expressão tanto de um autor quanto de sua época e também de seus leitores, essa literatura estará cheia da forma como essas questões é tratada

Enfim, acreditamos que apesar de muitas vezes as relações entre História e Literatura se estreitarem, ainda há a diferença fundamental entre elas que é o compromisso da História com os acontecimentos históricos – ou seja, um historiador que deseja realizar um trabalho historiográfico não pode inventar personagens ou situações, por mais que elas sejam passíveis de ter acontecido em determinado contexto. Tal questão é trabalho da literatura, já que um escritor pode se apropriar do contexto e criar as situações que desejar dentro disto para atrair seu público.

A história deve caminhar na busca da verdade, desvendando aquilo que é objeto de investigação, sem assim inventar.

A literatura por sua vez, caminha um pouco diferente, podendo, mudar o nome da personagem, podendo ter personagem fictícia, onde o autor deixa sua marca

ABSTRACT

This article presents a discussion of the relationship between literature and history. We present the historical sources that became part of the study of history from the 20th century onwards and summarize the trends in literature within the context of the history of the time, where social transformations are latent in this interference of writing. It is also noted that literature and history are together in the cultural aspect of a people in a specific time and place. We cannot fail to mention the importance of literary accounts as historical sources that are often used by the historian for a better understanding of the way of life of a people. This is because literature is full of feeling and cultural influence, as well as all human production. The various historical sources presented facilitate the historian's work, as it opens up a wide range of possibilities for historians who intend to use them, among which is the literature that can even be presented as a privileged source for History as it contains aspects that other objects do not have, such as issues related to the imaginary of the time being studied...

Keywords: History; Literature; Historical Source; Cultural History.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2017.
- COMPAGNON, Antoine. O demônio da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010
- FERREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Porto Alegre, Anos 90. Porto Alegre, v. 15 n. 28. P.113- 128, dez. 2008.
- MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa. 12. ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. História da Educação, Pelotas, p. 31 - 45, 01 set. 2003.
. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 2 ed.
Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>
- SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos Santos. História e Literatura: Uma relação possível. Revista Científica/FAP, Ano 2, V. 2, 2007.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2007
- SARAIVA, Antônio José & LOPES, Oscar. História da Literatura Portuguesa. 5. ed. Porto, Editora Porto, s.d.
- VIDOR, A. Opinião ou Ciência: tecnologia x vida. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2014.
- VIDOR, A. Opinião ou Ciência. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.